

**D'AQUÉM, D'ALÉM
E
D'ULTRAMAR**

HOMENAGEM A ANTÓNIO DIAS FARINHA

Organização de

Francisco Contente Domingues

José da Silva Horta

Paulo David Vicente

Com a colaboração de

Augusto Mayer da Silva

Luís Manuel de Araújo

LISBOA
2015

Título:
D'Aquém, d'Além e d'Ulamar.
Homenagem a António Dias Farinha

Edição:
Centro de História
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Organização:
Francisco Contente Domingues
José da Silva Horta
Paulo David Vicente

Colaboração:
Augusto Mayer da Silva
Luís Manuel de Araújo

Composição e impressão:
Pedro Ferreira-Artes Gráficas, Lda
Rua Jorge Castilho, 14
2635-378 RIO DE MOURO
Telef.: 219 161 708
Email: pedro-ferreira@net.novis.pt

ISBN: 978-989-97911-5-2

Depósito legal: 383347/14

Lisboa, 2015

CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA ECONOMIA ALIMENTAR ISLÂMICA E CRISTÃ MEDIEVAL NO CASTELO DE PALMELA

*João Luís Cardoso
Isabel Cristina F. Fernandes*

1. O castelo de Palmela na época islâmica

O castelo de Palmela situa-se num morro com cerca de 250 m de altitude, sobranceiro ao Sado e à Arrábida, com um domínio visual impressionante sobre a planície que se estende a norte até ao Tejo e para lá das suas margens, até Lisboa e Sintra. A poente, as colinas da pré-Arrábida completam o conjunto paisagístico que surpreende todos os que dele desfrutam. A esta diversidade geográfica associa-se a generosidade dos solos na planura e a proximidade dos rios e do Atlântico, proporcionando múltiplos atractivos à fixação humana.

As potencialidades geo-estratégicas decorrentes deste enquadramento (fig. 1), fizeram de Palmela um lugar de preferência do ponto de vista militar e consequentemente um centro de sediação do poder político e administrativo da região. Esta situação constata-se para todo o período islâmico, se considerarmos as evidências arqueológicas e algumas referências dos textos muçulmanos e cristãos. Admitimos que a presença islâmica no sítio tenha ocorrido numa fase precoce do período omíada, sustentando-nos na referência a um sinete aparecido em Palmela em 1772, com inscrição datada de 790-791, e cujo paradeiro é hoje desco-

Agradecemos a Cleia Detry, que actualmente prossegue o estudo sistemático do espólio arqueozoológico exumado no castelo de Palmela, pelas informações gentilmente prestadas.



Fig. 1 – O castelo de Palmela no contexto paisagístico da pré-Arrábida.

nhecido¹, no achado de dirhams omíadas na encosta sul do castelo² e ainda nas características morfológicas de algumas cerâmicas recolhidas em contexto arqueológico. É, no entanto, a partir do último quartel do século IX, com a radicação dos Banû Dânis em Qasr Abî-Dânis (Alcácer do Sal) e o domínio da região por esta família berbere, que a islamização da Arrábida e de Palmela se terá tornado efectiva. Al-Râzî indica-nos que «No limite das regiões de Beja e de Lisboa, estão as montanhas chamadas Montes dos Banu Benamocer e que os habitantes denominam de Arrábida (al-Râbita)»³. Terá sido nesta altura erguida a fortificação, correspondendo sensivelmente ao espaço da alcáçova, depois alargada para poente, muito provavelmente um albacar para protecção de gado.

Da fértil região envolvente, povoada de casais e alcarias, proviham os recursos tributários do distrito castral encabeçado por Palmela.

São amplos, no castelo de Palmela, os testemunhos arqueológicos para os períodos califal, das primeiras taifas, almorávida e almóada⁴. Muito escassas, as referências escritas limitam-se a Al-Himyarî, um autor do século XIV, que o designa por Hisn Balmalla⁵ e a autores cristãos

1. Barroca, Mário, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, vol. III, Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, p. 53.
2. Antunes, M. Telles, «Restos de tesouro de moedas islâmicas nas imediações de Azoia (Sesimbra)», *Arqueologia Medieval*, Porto, 6, 1999, p. 133.
3. Lévi-Provençal, E. (reconstituição do original árabe e tradução de), «La Description de l'Espagne d' Ahmad Al-Râzî», *Al-Andalus*, vol. XVIII, Madrid, Granada: C.S.I.C., 1953, p. 90.
4. Fernandes, Isabel Cristina F., *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*, Lisboa: Edições Colibri, Câmara Municipal de Palmela, 2004.
5. Al-Himyarî, *La Péninsule Ibérique au Moyen-Âge d'après le «Kitâb al-Rawd al-Mi'tar Fi Habar al-Aktâr»*. Texte arabe des notices relatives à l'Espagne, au Portugal et au sud-ouest de la France, tx. et tr. E. Lévi-Provençal, Leiden: Pub. Fondation de Goeje, n.º XII, 1938, pp. 23 e 24.

nos relatos da gesta da Reconquista ou na documentação régia desse período.

2. Trabalhos arqueológicos realizados

Os trabalhos arqueológicos no castelo iniciaram-se em 1992, por ocasião da implementação de um programa de recuperação do monumento, que contemplava o seu prévio estudo histórico-arqueológico. Entre essa data e 2005 realizaram-se várias campanhas dentro da alcáçova, na igreja de Santa Maria, que está adossada ao muro poente da cidadela, e no exterior da mesma, para reconhecimento do traçado do fosso, na encosta norte.

A previsível presença islâmica foi confirmada de forma absoluta, abundantemente testemunhada por materiais do quotidiano e por restos de edificados, na maior parte das vezes registados em contexto e balizados entre os séculos VIII/IX e XII.

As espécies osteológicas que foram objecto do estudo a que se refere este artigo, provêm de espaços distintos da alcáçova (fig. 2):

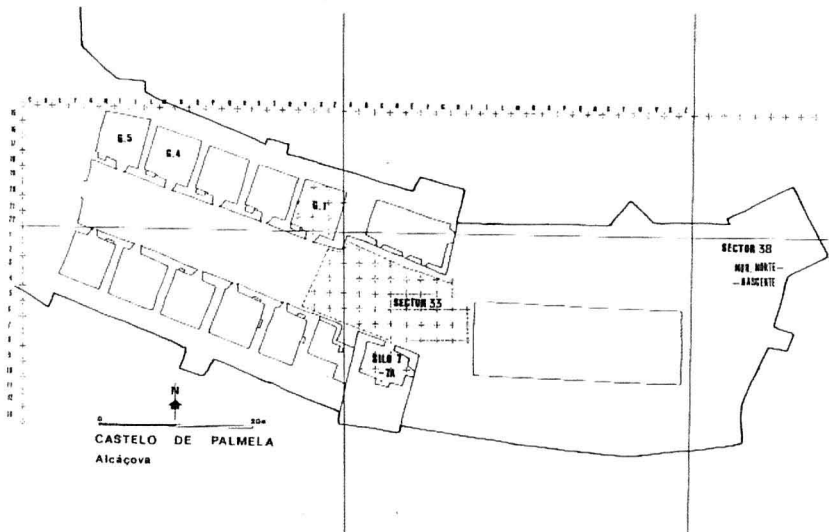


Fig. 2 – Planta da alcáçova do castelo de Palmela com a localização dos sítios de proveniência do espólio ósseo deste estudo

- o uma área a norte, as chamadas «galerias», salas que faziam parte de quartéis militares do século XVII;

- o uma área central, onde se localizam estruturas de armazenamento de água e de outros consumíveis (cisterna e silos) e a residência dos governantes do castelo no período muçulmano;
- o uma área a nascente, junto à muralha, onde se registaram níveis da segunda metade do século XII e do século XIII, evidenciando um período conflituoso entre muçulmanos e cristãos, de 1147 a 1194.

As galerias que forneceram mais e melhor informação foram a 1, a 4 e a 5, onde se exumaram vários exemplares deste estudo. Na área escavada registaram-se habitações adossadas à muralha, que devem corresponder às moradias dos governantes do castelo, datadas do século IX e seguintes. Foram construídas em pedra calcária local e cobertas de telha de canudo, pintada a branco ou com decoração incisa, sendo as paredes por vezes revestidas a estuque pintado. É complexa a estratigrafia que resultou dos trabalhos mas de boa fiabilidade, permitindo datar contextos antigos, escassamente documentados no território do Gharb al-Andalus. Os estratos estudados situam-se entre a fase do emirato e a fase almóada e encontravam-se associados a cerâmicas e a alguns objectos de metal e osso.

Da área central da alcáçova exumou-se a maior parte do espólio ósseo estudado, recolhido nos silos de origem muçulmana e que foram posteriormente usados como lixeira pelos portugueses (fig. 3) e nos níveis estratigráficos subjacentes à necrópole de freires da Ordem de

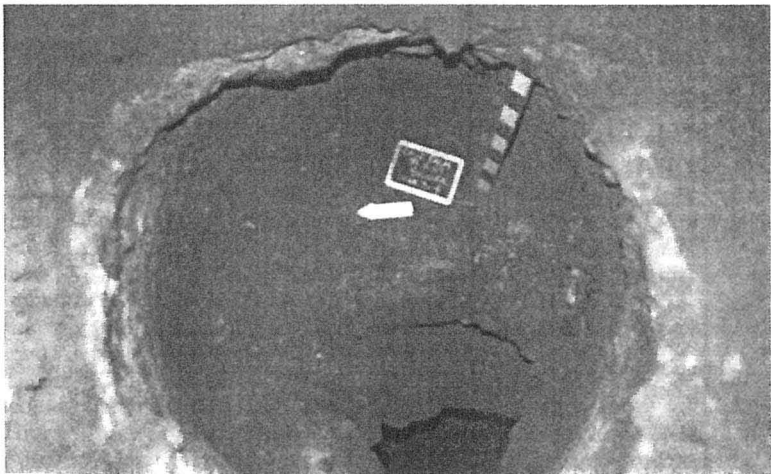


Fig. 3 – Silo 7A em processo de escavação.

Santiago, instalada em estratos islâmicos dos séculos XI-XII. Trata-se de um conjunto de 16 sepulturas que deveria integrar o primeiro edificado da Ordem de Santiago em Palmela, a quem o castelo havia sido doado em 1186. Sob este cemitério registaram-se estruturas de habitat e silos do período muçulmano, alguns dos quais forneceram espólio datável do califado. Como se disse, a área residencial dos governantes muçulmanos adossava à muralha norte da alcáçova, espaço depois igualmente escolhido pelos portugueses para a instalação dos seus núcleos de poder religioso e militar (fig. 4).

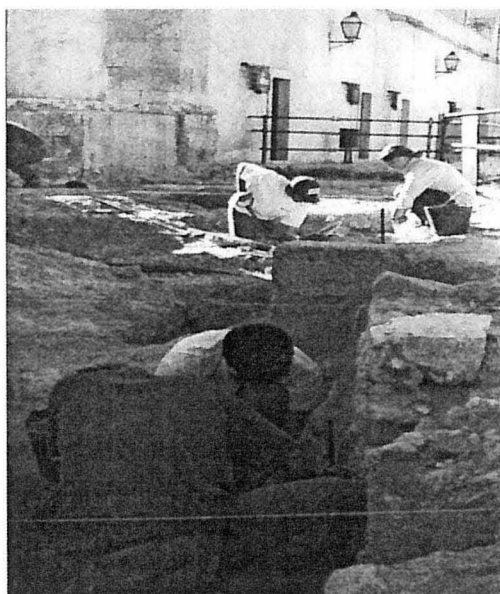


Fig. 4 – Aspecto das escavações arqueológicas na área central da alcáçova (sector 33).

A área nascente corresponde às primeiras ocupações portuguesas do castelo e à derradeira presença muçulmana. Destinava-se seguramente à guarnição do castelo. Subsistem traços de uma gestão de guerra no sector 38 (a muralha norte-nascente), com vestígios de fornos de forja, decerto usados para suprir as necessidades mais prementes em armamento e outras espécies afins, de que se exumaram vários exemplares, além de loiça doméstica, com destaque para as típicas canequinhas em uso pelos militares cristãos (fig. 5). A unidade stratigráfica 6, sobretudo nos primeiros subníveis, é uma amálgama desta realidade, oferecendo espólio almóada e cristão dos séculos XII-XIII, em suma

ilustrando a fase belicosa do final de *reconquista* na península da Arrábida, pelo menos até à tomada de Alcácer do Sal (1217).



Fig. 5 – Área escavada junto às muralhas norte/nascente da alcáçova, onde se registou a unidade estratigráfica 6, com materiais almóadas e cristãos (séculos XII a XIV).

É pois da dieta alimentar das elites radicadas no castelo e das suas guarnições que este estudo nos fala, proporcionando uma visão do que seriam as suas práticas cinegéticas, a selecção das peças para consumo e algumas das formas da sua preparação culinária.

3. Estudo dos materiais faunísticos

3.1. Princípios metodológicos

O material osteológico adiante descrito resultou das diagnoses efectuadas no decurso das sessões de trabalho realizadas ao longo dos últimos trimestres dos anos de 2000 e de 2001, no castelo de Palmela, onde se conservavam os referidos materiais.

O elevado volume de material visto, e a sua representatividade, apesar de corresponder apenas a uma parte da totalidade do material recolhido, justificou a publicação dos resultados obtidos, concretizada pelo presente estudo, sem embargo de os estudos actualmente em curso

poderem completá-los, sobretudo em domínios que não foram intencionalmente abordados, como a biometria e a sua eventual variação ao longo do tempo, designadamente dos bovinos, ovinos e caprinos, com evidente interesse para o conhecimento dos processos de domesticação adoptados tanto por islâmicos como por cristãos. Sobre esta temática existe, aliás, interessante contributo que merece aprofundamento⁶.

Também não foi objecto do presente trabalho a exploração das diferenças morfológicas apontadas por diversos autores entre alguns segmentos anatómicos de ovinos e caprinos, susceptíveis de providenciarem a respectiva separação⁷. Com efeito, tal separação, do ponto de vista estritamente económico – perspectiva que é a dominante na abordagem adoptada no presente estudo – não assume especial relevância, já que, ainda hoje, são comuns os rebanhos mistos de ambas as espécies, embora do ponto de vista ecológico haja diferenças entre as duas espécies, suportando as cabras ambientes mais ecos e agrestes.

Outra dificuldade bem conhecida corresponde à diferenciação entre o porco doméstico e o javali. Embora existam já alguns estudos biométricos que permitam em certos ossos caracterizar essas diferenças⁸, as mesmas basearam-se essencialmente no tamanho e robustez dos ossos homólogos, critério que foi também seguido. Sendo provável que, no período muçulmano se respeitasse a lei corânica, que interdita o consumo de carne de porco, o «animal imundo», é provável que a ocorrência de suídeos em contextos desta época se fique a dever à caça do javali situação já verificada em Portugal, no contexto islâmico almóada de Mesas do Castelhinho, Almodôvar⁹. Com efeito, a forte robustez de alguns exemplares e a morfologia de outros (designadamente das defesas superior e inferior), não deixa dúvidas quanto àquela conclusão; por outras palavras, sempre que é possível a diagnose, no que concerne a contextos islâmicos do castelo de Palmela, é à forma selvagem que os materiais se reportam. Confirmação complementar do acerto das diag-

6. Davis, S., «Zoorchaeological evidence for Moslem and Christian imporvements of sheep and cattle in Portugal», *Journal of Archaeological Science*. 20, 2007, pp. 1-20.

7. Zeder, M. & Pilaar, S. E., «Assessing the reliability of criteria used to identify mandibles and mandibular teeth in sheep, Ovis and goats», *Capra. Journal of Archaeological Science*, 37, 2010, pp. 225-242.

8. Albarella, U.; Davis, S.; Detry, C. & Rowley-Conwy, P., «Pigs of the Far West: the biometry os Sus from archaeological sites in Portugal», *Anthropozoologica*, Paris, 40 (2), 2005, pp. 27-54.

9. (Cardoso, 1994).

noses realizadas, é o facto de se ter verificado que o único conjunto atribuível a porco doméstico corresponde a época tardia, onde materiais muçulmanos se encontram misturados com produtos da dominação cristã.

Na contabilização dos restos identificados seguiu-se o critério de valorizar a peça anatómica tal como foi encontrada. Tal significa que um dente isolado, para aquele cálculo, foi considerado equivalente de um fragmento mandibular ainda com diversos dentes conservados nos alvéolos, os quais, vistos isoladamente, seriam considerados como vários restos independentes. Por outro lado, não foram consideradas as esqueléticas, os fragmentos de costelas e as vértebras, cuja identificação anatómica, embora nalguns casos fosse possível, seria morosa e não conduziria a volume significativo de informação acrescida. Assim, a base da contagem foi o número de restos identificados de cada uma das espécies presentes, dispensando o cálculo do número mínimo de indivíduos, cujo acréscimo de informação não se considerou relevante: face à morosidade do trabalho que tal implicava, incluindo a determinação da lateralidade dos elementos do esqueleto, os benefícios obtidos desse ensaio metodológico, o qual, por seu turno, envolvia a generalização de diversas variáveis difíceis de controlar, afiguravam-se longe de justificados.

3.2. Inventário

Os resultados das determinações efectuadas dos diversos segmentos anatómicos pertencentes às espécies de mamíferos presentes no conjunto estudado, resumem-se no seguinte quadro. Exceptuam-se alguns restos, de ocorrência excepcional, pertencentes às seguintes espécies: *Canis familiaris* (cão), *Ursus arctos* (urso), *Camelus sp.* (camelo), sendo a primeira vez que se identificou em território actualmente português esta espécie, em contexto islâmico, e *Equus caballus* (cavalo). Da mesma forma, não foram contabilizados os restos ictiológicos e malacológicos, os quais serão objecto de um trabalho mais desenvolvido a ser oportunamente publicado (ver quadro da página seguinte).

4. Discussão

A distribuição dos restos pelas diferentes épocas a que pertencem os contextos em que foram identificados apresentada no quadro 1, permitiu a apresentação das considerações a seguir apresentadas. No cál-

culo da biomassa, admitiu-se que um boi de raça não melhorada, como a mertolenga, pudesse equivaler a uma média de oito cabeças de ovino-caprino e a duas de veado:

	<i>Bos Taurus</i>				<i>Ovis / Capra</i>				<i>Sus scrofa / domesticus</i>				<i>Cervus elaphus</i>				<i>Oryctolagus</i>					
	Crânio	cintura escapular	ossos dos membros	ossos das extremidades	Crânio	cintura escapular	ossos dos membros	ossos das extremidades	Crânio	cintura escapular	ossos dos membros	ossos das extremidades	Crânio	cintura escapular	ossos dos membros	ossos das extremidades	Crânio	cintura escapular	ossos dos membros	ossos das extremidades		
Séculos VIII/IX					3	4	1										4				12	
Século IX	5	2	1		3	2		2									1			1	17	
Séculos IX/X	2	2			3	11	1	4		1		3		2	3	3	3		3	1	40	
Séculos XXI				1		1			3	1				2		3					11	
Séculos XI/XII	2	1	20	3	14	16	6	30	3	11	1	1	1	2	2	10	1	4			135	
Século XII - fim da ocupação islâmica					4	4	1	16	2			1			1				1	1	2	
Século XII com materiais cristãos do século XIII	5		3		2	15	1	14	1	3	21	1	3	4	2		1	2	1	9	2	
Século XIII / início XIV - cristão						2	5	2	1		1	1		6		1					19	
Total	12	5	26	3	18	44	9	71	9	37	27	3	6	1	16	4	2	12	6	2	18	357

Séculos VIII-IX – Ao início da presença islâmica reportam-se doze restos classificáveis (3,4% do total). A maioria corresponde a ovino-caprinos, com oito restos; estão presentes elementos das diversas partes do esqueleto, mesmo as peças de menor valor alimentar sugerindo que o esartejamento das carcaças era feito no local. O coelho, certamente bravo, é a segunda espécie representada, resultante de atividade cinegética nos campos das proximidades.

Século IX – A este período da presença islâmica correspondem dezassete restos classificáveis (4,8% do total). O conjunto, muito mais diversificado que o anterior, é dominado pela presença do boi doméstico (oito restos), o qual evidencia o aproveitamento de todas as partes do esqueleto, desde o crânio até às extremidades dos membros, sugerindo o esartejamento local das carcaças. Quanto aos ovino-caprinos, representados por sete restos, igualmente reveladores do aproveitamento integral das carcaças no local, tendo presente que a relação média de peso unitário é de cerca de um para oito, poder-se-ia deduzir que o consumo da carne de bovino detinha a primazia, não fosse a amostra demasiado escassa para ser concludente a tal respeito. Note-se que dos oito restos de boi doméstico identificados, cinco pertencem a elementos cranianos, incluindo dentes, conduzindo a uma inflação da amostra com o conseqüente desvio observado. Além do coelho, o veado está também representado vestigialmente, em ambos os casos por um exemplar.

Séculos IX-X – Os quarenta restos identificados (11,2% do total) repartem-se por um maior número de espécies que o conjunto anterior. A componente doméstica é, como seria de esperar em um contexto urbano, largamente predominante. O boi doméstico – representado por cinco restos, sendo dois da cintura escapular (omoplata) e dois dos membros, e um da extremidade dos mesmos – reflecte, por comparação com os restos de ovino-caprinos, no total de dezanove restos, onde estão presentes todos os segmentos anatómicos do esqueleto, uma proporção certamente próxima da realidade: assim, a quantidade de carne consumida de boi doméstico, seria cerca do dobro da carne de ovino-caprinos. A componente cinegética não era, contudo, negligenciável, revelando acréscimo face ao período anterior, já que se identificaram cinco restos de veado e quatro de javali, a par de outros quatro de coelho.

Séculos X-XI – Trata-se de período escassamente representado, pois apenas se identificaram onze restos (3,1% do total), desprovidos de representatividade. Com efeito, se tais resultados fossem levados à letra, tender-se-ia a concluir que se estaria perante uma época de forte contributo cinegético, já que quatro correspondem a javali, dois a veado e três a coelho bravo. O boi doméstico está ausente e o grupo dos ovino-caprinos apenas representado por dois restos. Face à distribuição dos segmentos anatómicos, é provável que as peças de caça fossem transportadas inteiras para o local onde seriam esquartejadas (pelo menos o javali), o que se afigura compatível com as práticas da época.

Séculos XI-XII – A este período de ocupação islâmica do local corresponde o maior número de restos identificados: 135, correspondentes a 37,8% do total. A maior amostragem disponível é acompanhada por distribuição dos segmentos anatómicos das espécies presentes que abarcam todos os sectores do esqueleto. Tal situação reforça as conclusões anteriores, indicando que as carcaças dos animais – fossem domésticos ou selvagens – eram transportadas inteiras para o local, onde seriam desmembradas.

A presença de 26 restos de boi doméstico comparada com os oitenta restos de ovino-caprinos é susceptível de indicar a relação mais provável existente entre o consumo de carne daqueles dois grupos, em época islâmica, concluindo-se que, por cada quilo de carne de ovelha/cabra, se consumia cerca de 2,8 quilo de carne de bovino.

No tocante à componente cinegética, avulta a caça ao veado, espécie representada por dezassete restos, com evidente predomínio dos ossos dos membros (dez restos), o que significa que se consumia apenas cerca de três vezes mais carne de bovino que de veado. A este conjunto somam-se os cinco restos de javali, e os onze restos de coelho bravo, que reforçam a importância da fauna caçada na alimentação, embora sempre minoritária, no cômputo geral, como seria natural em comunidade de carácter urbano.

Século XII – Ao final da presença islâmica no local correspondem 33 restos (9,2% do total). Nota-se a completa ausência do gado bovino, que detinha anteriormente a primazia em termos de contribuição calórica na alimentação, sendo de destacar que, dos 25 restos de ovino-caprinos, dezasseis correspondem aos segmentos das extremidades dos membros, valor difícil de explicar apenas por consumo culinário. É provável que tal situação se possa relacionar com a prática de despejo de preparação de peças de carne para a cozinha, uma vez que onze delas (incluindo metápodos e falanges) provêm do enchimento de um silo (silo 7A, camada 4), pertencendo provavelmente a um único indivíduo juvenil. As restantes espécies presentes assumem carácter vestigial: é o caso do javali (três restos), do veado (um resto) e do coelho bravo (quatro restos).

Séculos XII-XIII (com elementos da presença cristã) – Com noventa restos identificados, ascende, em termos numéricos ao segundo maior conjunto, correspondente a 30,8%. Foi o único conjunto em que se tentou a separação entre o porco doméstico e o javali, com base no tamanho e robustez relativas, embora houvesse materiais em que a destriça não foi possível. Naturalmente que a presença de tão elevada quantidade de restos de suídeo (catorze exemplares) se deve a contributo dos cristãos, designadamente no que concerne à espécie doméstica, por eles especialmente consumida. No conjunto, os bovinos estão representados por nove restos, distribuídos pelos sectores craniano, ossos dos membros e extremidades, e os ovino-caprinos por 34 restos, o que significa relação entre a importância alimentar dos dois grupos não muito diferente da anteriormente encontrada, cerca de duas vezes mais de carne de bovino consumida. O veado continua presente, embora com efectivos muito baixos (apenas três restos); ao contrário, o coelho bravo está representado por catorze restos, dominando os ossos dos membros.

Séculos XIII-XIV – Trata-se de contexto exclusivamente cristão, infelizmente representado apenas por dezanove restos classificáveis (5,3%); com efeito, seria de muito interesse o estabelecimento de comparações entre a dieta seguida por muçulmanos e aquela praticada por cristãos. Com os escassos elementos disponíveis, nota-se a tendência, já observada no conjunto anterior, para uma maior representação relativa dos suídeos, com oito restos, e para uma completa ausência de bovinos, substituídos pelos ovino-caprinos, com dez restos. A escassez de veado, a que corresponde um resto, parece confirmar a tendência anterior do declínio desta espécie.

Conclusões

As considerações apresentadas mostram que, ao longo do tempo, a composição relativa das espécies que integram cada um dos conjuntos considerados não sofreu alterações abruptas, exceptuando a nítida tendência para o acréscimo do consumo de suídeos – certamente domésticos – com a conquista do local pelos cristãos.

Outra conclusão interessante é a consistente importância que os bovinos desempenharam em época islâmica na alimentação, conhecendo-se a especial predilecção daquelas populações pelo consumo de carne de ovinos e caprinos. Com efeito, os valores encontrados mostram que a carne de bovino teve via de regra mais importância do que a originária dos rebanhos de ovelhas e cabras, que serviam, naturalmente, para outros fins (produção de leite e de lã).

A carne resultante da caça ao javali e ao veado complementou, de forma consistente, o abastecimento proteico das populações islâmicas, podendo assim considerar-se como ponto assente a utilização gastronómica do javali, tal como em outros contextos islâmicos portugueses, como as Mesas do Castelinho, Almodôvar¹⁰.

Enfim, a distribuição dos restos por segmentos anatómicos mostra que, estando globalmente presentes todos eles, as carcaças das diversas espécies identificadas terão sido transportadas para o local, onde foram esquartejadas, exceptuando talvez os bovinos, dada a escassez dos elementos cranianos (dentes, ossicones), de menor valor alimentar.

10. Cardoso, 1994, *ob. cit.*.